

Ricardo Daehn



Catarina Accioly, atriz e diretora

Vivência LGBTQIA+ em cena

» JULIA HARLEY*

O Cine Brasília, um dos principais cinemas de rua do país, abriu as portas na noite de ontem para a terceira rodada do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. A grade da Mostra Competitiva Nacional reuniu o longa-metragem híbrido *Pequenas tragédias*, dirigido por Daniel Nolasco, e o curta experimental *Gastronomia do olho*, do cineasta Nicolau.

Exibido na consagrada sala Vladimir Carvalho, o novo projeto do diretor Daniel Nolasco aborda o universo da cultura e da vivência LGBTQIA+. Entre o público, estava Sarah Paiva, de 29 anos, que compartilhou suas expectativas para a sessão “Estou animada para ver o filme no festival. É ver a nossa vida, nossos desejos e quem a gente é ocupando um espaço tão político. Nossas histórias não precisam ser escondidas ou ‘suavizadas’ para estarem em um lugar tão importante. O filme de hoje mostra que o nosso amor e o nosso corpo também têm direito a esse espaço”, afirma.

O ponto de partida do longa-metragem *Pequenas tragédias* (119 min) é a mudança do próprio cineasta para o Rio de Janeiro, em 2011. Primeiro de um grupo de amigos queers a deixar Catalão (GO), cidade descrita pelo autor como de excelente qualidade de vida, o diretor observa a dispersão total desse grupo ao longo dos anos. A obra em formato híbrido marca o novo projeto de Daniel Nolasco, realizador goiano graduado em cinema pela UFF e em história pela UFG, com trajetória marcada por títulos como *Vento seco* e *Paulistas*.

Ao abordar temas locais e universais, a produção busca gerar uma identificação direta com os espectadores presentes na sala de exibição. O ator Lucas Drummond destaca como a proximidade geográfica e o tom da narrativa fortalecem essa troca. “É um filme que faz um retrato das vivências LGBT numa cidade do interior do Centro-Oeste. Acho que o público de Brasília vai se identificar e se reconhecer em muitas coisas e personagens. O cinema do Dani traz um regionalismo muito característico dos filmes dele e, por Goiânia ser muito perto, a maior parte da equipe e do elenco pôde estar presente na sessão.”

Na trama, a construção dramática acompanha os impactos do preconceito na vida dos personagens retratados, mesclando realidade e ficção. O intérprete detalha a essência do papel e o peso do conflito social em sua jornada. “O filme é dividido em cinco capítulos, é um híbrido entre documentário e encenação. Cada capítulo narra a história de um personagem que passou pela vida do

Mostra Competitiva Nacional reuniu o longa-metragem híbrido *Pequenas tragédias*, dirigido por Daniel Nolasco, e o curta experimental *Gastronomia do olho*, do diretor brasileiro Nicolau

Ricardo Daehn



Lucas Drummond, ator

Nuno Nolasco em Catalão. O Samuel foi um amigo de escola dele. Gosto de pensar no Samuel como uma luz que vai se apagando por conta dos conflitos e do preconceito interno e externo que vive na cidade”, destaca Lucas.

O ápice emocionante da participação do ator se dá em uma sequência de acerto de contas e despedida simbólica. Ele comenta a carga poética desse

momento e a particularidade de suas parcerias com o diretor. “O Daniel Nolasco só me chamou para fazer personagens que morrem nos filmes dele. Então, acho que devo morrer muito bem na tela. Mas a última cena do Samuel é muito especial e tocante: o personagem do Nolasco vai para o Rio de Janeiro estudar cinema e, quando volta depois de muito tempo, ele se reencontra com esse amigo que já faleceu. É um momento muito poético, em que ele pode pedir desculpas e ter uma última conversa que tinha ficado sem ser dita”, afirma Lucas.

Além do filme de Nolasco, também foi exibido o curta experimental *Gastronomia do olho*, do diretor Nicolau. A história começa com uma caminhada por São Paulo, dois atores conversam sobre vida, morte e teatro até o momento em que a caminhada se confunde com o ensaio e a dupla encarna Biblot e Aurora, personagens da peça *Os sete gatinhos*, horas antes da entrada em cena no Teatro Oficina. Com trabalho voltado para o cinema queer, sensorial e marcado por práticas fotoquímicas, o diretor brasileiro assina a obra após realizar os filmes *Descamar* e *Paredes clandestinas*.

Autógrafos

No fim de uma fila que dava voltas pela praça de alimentação do espaço, o cineasta Kleber Mendonça Filho distribuía autógrafos nos exemplares do roteiro de *O Agente Secreto*. Entre as dezenas de pessoas que aguardavam a vez, estava o diretor de fotografia Dirceu Lustosa. “Eu conheço o Kleber há 30 anos, a gente foi curta-metragista junto. Então, poder celebrar tudo isso que aconteceu com ele é celebrar a minha geração que abraçou o cinema”, afirma.

Além de Dirceu, a atriz e diretora Catarina Accioly também aguardava a sua vez na extensa fila para garantir a sua assinatura. Para a cineasta, a obra vai além de um registro de bastidores. “O Kleber é um diretor realmente inspirador, e esse livro detém um conteúdo que vai inspirar outros realizadores a ter uma carreira tão frutífera e próspera quanto a dele. Além disso, as curiosidades de uma pessoa que conseguiu ser indicada ao Oscar atingem um público muito grande, porque ele levou novamente um grande potencial de espectadores brasileiros para a sala de cinema”, comenta.

***Estagiária sob a supervisão de Malcia Afonso**

CRÍTICA

Ana, en passant

★★★★

Rica convivência

Um estreitamento de laços e uma intimidade acolhedora transformarão as desconhecidas Ana e Alice, na trama do longa de estreia de Fernanda Salgado, Ana, en passant, uma animação que convida a retrabalhar a densidade das memórias, caso inspirem infelicidades assentadas no luto. No enredo, a jornalista Ana busca desvencilhar-se da figura trágica, cercada de mortes e, inicialmente, conformada, no rastro da perda da avó, na França. Mas, aos poucos, com a respiração certa e longe da solidão europeia.

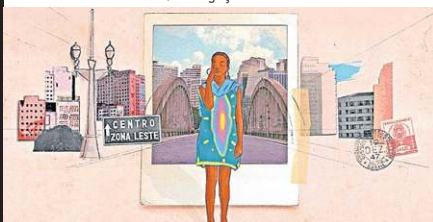
Debaixo de chuva, Ana chega desorientada para a colorida Minas Gerais que virá a descobrir. Saem, portanto, o ocre, o terracota e os tons pastel da primeira fase do filme. Os caminhos podem não ser apontados nitidamente (bifurcação e encruzilhada são citadas no texto), mas a solidez do firmamento virá para Ana, quando, de posse da certidão de um desconhecido imóvel da avó, a herança inesperada a colocar em contato com a inquilina Alice.

Numa harmônica simplicidade, Ana (“sem mapa”) terá na amplitude do convívio com a grávida Alice (uma dançarina, provisoriamente, incapacitada de movimentos). Será o reencontro com o “tempo das coisas” (a superação do luto). Com a linguagem da animação, o espectador pode investir em sondagens, em estados alterados de realidade, e abraçar o conceito de novas perspectivas e de reconstrução para as personagens cujas origens e raízes (afro-brasileiras) ficam cada vez mais entremeadas.

Os impulsos e os desejos das personagens são intermediados pelo trânsito na cidade: de passagem, Ana “en passant” não se apresenta de “refilão”; ela, por meio de uma câmera fotográfica, traz janelas para as paredes do apartamento em que Alice convive ainda com paredes constituídas de material epistolar.

Em trânsito, Ana reformulará a sua identidade e inspirará identificação. Encontrar-se, na identidade brasileira recém-conhecida, e recobra o seu espaço de vida, em que plantas voltam a crescer e a trilha sonora (do Metá Metá) traz encantamento para o filme. Se as personagens chegam a ser confundidas como “irmãs-gêmeas”, a entrada de um espelho na trama acentuará a poesia do longa assinado por Fernanda Salgado, que pontua a vida “como uma dança” e o trânsito pelo oceano (que liga Brasil, Europa e África) como um alento, abundante de significado na cena que coroa o fim do filme. (RD)

Embauba Filmes/Divulgação



Um final surpreendente esclarece o lado abstrato, no filme de Fernanda Salgado

Drama policial recifense

» MARIANA REGINATO

Com estreia prevista para 30 de outubro no Canal Brasil e, no dia seguinte, no Globoplay, a série de drama policial *Delegado* pretende dar uma cara brasileira ao gênero. O lançamento, no sábado, foi diferenciado — os três primeiros episódios foram exibidos em um dos espaços mais importantes para o cinema nacional, o Festival de Brasília. Foi a primeira vez que o evento levou uma série à tela.

Parte da equipe da série, criada e dirigida por Marcelo Lordello e Leonardo Lacca, voltou ao Cine Brasília ontem para falar sobre o projeto, com a participação dos produtores Kleber Mendonça Filho e Emilie Lesclaux e dos atores Rubens Santos e Virgínia Cavendish.

Protagonizada por Johnny Massaro, a trama acompanha Felipe, jovem de classe média que ingressa na Polícia Civil. Ao assumir uma delegacia no Recife, ele se depara com uma instituição marcada pela precariedade, corrupção e resistência às mudanças. O personagem também precisa lidar com uma nova liderança do tráfico e questões relacionadas

ao passado de seu pai, que podem colocar sua carreira em risco.

Léo Lacca relembra que a série surgiu de uma experiência pessoal. O cineasta tinha um amigo que acabou entrando para a polícia. Em um encontro, o amigo chegou armado. “Aquilo ali me impactou, porque é um cara que eu nunca esperava que viraria policial, e ele começou a contar algumas histórias. Compartilhei com Marcelo e Tião (criadores), e a gente começou a desenvolver esse embrião. Começamos a pesquisar, porque é um universo que está muito perto da gente, mas no imaginário cinematográfico, está muito diferente da realidade”, destacou.

Para ele, a série tem potencial para levantar o debate sobre a Justiça brasileira. “O Felipe tem muitos lugares para atravessar, e esses atravessamentos são muito reveladores de muita coisa do país que a gente está vivendo. Olha o Brasil de hoje, o mundo está virando de pernas para o ar e a Justiça está completamente implicada nisso”, avaliou.

Outro ponto muito importante

da série é o DNA brasileiro e recifense. “Tem um potencial de falar sobre os contrastes da sociedade brasileira, mas com um tesão muito grande de sair desses padrões que a gente via de séries tanto americanas quanto brasileiras que emulavam as séries americanas”, comenta Marcelo Lordello, diretor do longa.

Lógica brasileira

Para Kleber Mendonça Filho, as melhores obras brasileiras podem ser universais, mas precisam ter uma lógica brasileira. “Quando eu li o roteiro de *Delegado*, eu achei tudo o que me chama atenção, tudo que eu acho de bom em uma história, estava lá. Tem mistério, tem violência, tem pessoas que trabalham com um segredo por trás, tem corrupção, e tem essa lógica brasileira”, enfatiza.

O cineasta destaca que o projeto traz uma observação muito afinada sobre a vida no país. “Eu fico muito feliz de fazer parte dessa história. Emilie, como grande produtora, fez isso acontecer. Eu venho acompanhando todos os roteiros,

CARLOS VIEIRA



Marcelo Lordello e Leonardo Lacca são os criadores e diretores da série

acompanhei a montagem, mas mesmo assim, eu fiquei muito impressionado com o que eu vi ontem.”

Na série, a delegacia está sendo deixada de lado pelo Poder Público, assim como algumas vezes ocorreu com o Cine Brasília. “O fato de passar no Cine Brasília e a série falar sobre espaços que mereciam uma atenção maior, é um espelho do Brasil”, diz Kleber. Para ele, os moradores da

capital precisam lembrar que o Cine Brasília não é um lugar qualquer.

“Esse espaço deve sempre ser tratado como um espaço de cultura, onde ideias surgem, onde pessoas se encontram. Uma sala de cinema da maneira como foi construída e desenhada com a história do Festival de Brasília, mais do que nunca, deve ser mantida viva o tempo todo até o fim dos tempos”, finalizou.